

Morro da Queimada – “a Pompéia brasileira”

BENEDITO TADEU DE OLIVEIRA

Observador atento, D. Pedro II, por ocasião de uma de suas visitas a Ouro Preto, fez no seu diário na segunda-feira, 18 de abril de 1881, a seguinte anotação: *antes de chegar a esta cidade passei pela antiga Vila Rica, muralhas arruinadas que me lembram Pompéia.*

O ilustre Imperador se referiu às ruínas do antigo Arraial do Morro da Queimada e as identificou com a antiga cidade italiana de Pompéia, soterrada pelo vulcão Vesúvio em 79d.c. e hoje um dos mais famosos sítios arqueológicos do mundo.

Conhecido também como Morro do Paschoal ou Arraial de Ouro Podre, o Morro da Queimada foi um dos primeiros arraiais a surgir e tem história trágica, por ter sido destruído em 1720, após a revolta liderada por Felipe dos Santos e Paschoal da Silva Guimarães, em oposição aos aumentos dos impostos e à criação das Casas de Fundação pela Coroa Portuguesa. Depois de incendiado pelo Governador, Conde de Assumar, o Arraial de Ouro Podre passou a ser chamado de Morro da Queimada, e a população da então Vila Rica transferiu-se para os outros arraiais próximos.

O Morro da Queimada constitui um sítio arqueológico de inestimável valor, por ser um testemunho material das primeiras tipologias arquitetônicas da cidade e por guardar preciosos registros da exploração do ouro no início do século XVIII.

Nas últimas décadas, o Morro da Queimada vem passando por um processo no qual as ruínas vêm sendo dilapidadas pela ocupação desordenada. A falta de proteção dos documentos arqueológicos do Morro da Queimada em Ouro Preto é o caso mais grave de abandono do patrimônio cultural pelos poderes públicos nas suas diversas esferas.

A implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada, tem o apoio de instituições internacionais e nacionais nas esferas municipal, estadual e federal, como também de entidades religiosas, ONGs e associações de moradores.

A missão de técnicos que a Unesco enviou a Ouro Preto em abril de 2003 identificou a preservação do sítio arqueológico do Morro da Queimada como uma das medidas necessárias para deter a alarmante deterioração do patrimônio cultural e ambiental da cidade. Após essa recomendação, o Comitê Consultor de Ouro Preto, coordenado pelo Iphan, constituiu os seguintes grupos de trabalho: pesquisa histórica, regularização fundiária, habitação, implantação física, captação de recursos e relação com a comunidade.

A implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada daria origem a diversas ações de valorização do patrimônio cultural e ambiental da cidade. Dentre elas destacam-se: ampliação das pesquisas históricas, por meio de programas de escavações arqueológicas, possibilitando um amplo conhecimento sobre a cultura material e a história da mineração da época; proteção e ordenamento das ruínas das primeiras edificações de Ouro Preto; criação de um museu arqueológico das cidades surgidas durante o ciclo do ouro; preservação da memória de Felipe dos Santos e da sedição de 1720; criação de uma opção diferenciada de turismo fora do circuito tradicional, o que contribuiria para uma permanência maior dos visitantes na cidade; proteção de parte significativa da moldura paisagística do conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto; melhoria da qualidade de vida e inclusão social das comunidades vizinhas, por meio da geração de emprego e renda e início da consolidação do Parque Municipal e da APA Cachoeira das Andorinhas.

O Morro da Queimada é um sítio dotado de rara beleza natural, de onde se tem visão privilegiada do centro histórico de Ouro Preto e do pico Itacolomi, que orientou os primeiros bandeirantes e ainda hoje personaliza a cidade.

A implantação do Parque Arqueológico do Morro da Queimada ganhou impulso com a Audiência Pública do dia 24/02/2005 e com a caminhada de mobilização do dia 13/03/2005, ambas iniciativas do Presidente da Câmara Municipal de Vereadores, Wanderley Rossi Kuruzu. Com a eleição e posse de Angelo Oswaldo de Araújo Santos na Prefeitura de Ouro Preto, formou-se a conjuntura favorável e necessária para a recuperação do patrimônio cultural e ambiental da cidade, que deverá ter início onde tudo começou: *no Arraial de Ouro Podre que foi de mestre Paschoal.*

BENEDITO TADEU DE OLIVEIRA é arquiteto, doutor em restauração de monumentos pela Universidade de Roma e diretor do Iphan de Ouro Preto.

